



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/descarbonizacao>

Caminhos para a descarbonização

Emanuely Miranda[1]

Editora: Susana Dias

A emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) tem íntima relação com a queima de combustíveis fósseis e, portanto, se faz necessário repensar nossas fontes de energia

No final do século XVIII, com o início da Revolução Industrial, deflagrou-se o uso substancial de carvão e petróleo como fontes de energia. A partir de então, a concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera sofreu significativo aumento e deu origem àquilo que hoje nomeamos como aquecimento global.

De acordo com o *Relatório Fontes de Energia Renováveis e Mitigação das Mudanças Climáticas*, produzido pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a queima de combustíveis fósseis configura a principal causa de emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE).

Diante disso, urge a necessidade de uma mobilização coletiva com envergadura planetária cujo intuito consiste em repensar as emissões de GEE. Esse assunto foi pauta na 28ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 28). As autoridades concluíram que se faz necessário reduzir o uso de combustíveis fósseis ainda nesta década.

Nesse sentido, Roberto Schaeffer (professor titular do Programa de Planejamento Energético da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), PhD em Política Energética pela University of Pennsylvania (UPENN) e pesquisador do INCT Mudanças Climáticas Fase 2) faz coro com as conclusões da COP28. De acordo com ele, a estabilização da temperatura do planeta depende - a princípio - dessa redução.

No entanto, Schaeffer vai além e comenta sobre emissão líquida zero. “Se você vai hoje para a Unicamp de carro a gasolina ou ônibus a diesel, a queima do combustível fóssil - envolvida nessa locomoção - emitirá um CO₂ que ficará na atmosfera para sempre. Centenas de anos! Ou seja,



aquela molécula de CO₂ se acumulará e estará pressionando o aquecimento da Terra”, explica. A vida do gás beira a infinitude. Para interromper esse ciclo e lidar com as emissões que já ocorreram e ainda estão entre nós, apenas reduzir não seria suficiente. Ou seja, dependemos de algo mais radical.

A pergunta que fica é: como proceder? Para Schaeffer há um protocolo a seguir: primeiramente, eletrificar tudo o que pode ser eletrificado e, em seguida, descarbonizar toda energia elétrica que pode ser descarbonizada. Para os casos em que a eletrificação não tem viabilidade, há os biocombustíveis.

Em relação a eles, o Brasil se destaca como referência. A partir da década de 70, nosso país assumiu a dianteira no que tange à produção de etanol como alternativa que faz frente aos combustíveis fósseis. Entretanto, Schaeffer pondera que a realidade brasileira não corresponde à realidade dos demais países. A fabricação de carros que respondem aos biocombustíveis está vulnerável à demanda mundial.

O pesquisador assume que se trata de uma questão com enorme complexidade. “Do ponto de vista tecnológico, a gente sabe o que fazer e o como fazer. O problema é que vai para além da tecnologia. Tem questões de custos, questões políticas, várias questões... (...) Só resolvemos o problema mudando o perfil da energia. E mudar o perfil da energia é um pouco mais complicado. Trata-se de mexer na matriz energética dos países, mas também mexer nos conversores”, expõe.

Schaeffer lamenta o fato de que ainda estamos muito longe de, por exemplo, termos aviões elétricos. É exatamente aí que se identifica uma fragilidade: a descarbonização da energia e a emissão líquida zero estão fortemente atreladas às políticas públicas que contemplam o transporte coletivo.

Para além de ser uma questão que diz respeito ao combustível que move carros privados, trata-se de uma questão que problematiza a dinâmica das cidades e a mobilidade das pessoas que circulam por elas. Importa potencializar a qualidade dos transportes públicos e administrar o impacto ambiental que causam a fim de que a descarbonização seja de fato um caminho percorrido por nós, coletivamente.

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com